

PROFESORES UNIVERSITÁRIOS (RE) SIGNIFICANDO O CONCEITO DE COMPETÊNCIA

Antonio Gerardo Rodrigues Junior – PIBIC/UFPI¹
Irlanny Araújo Santiago- ICV/UFPI²
Ivana Maria Lopes de Melo Ibiapina³

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, deparamo-nos com uma sociedade que precisa, cada vez mais, de pessoas competentes. Nesse sentido, o conceito de competência tem passado por muitas transformações. A institucionalidade do modelo de competência na sociedade neoliberal se consolida a partir das transformações sociais e da crise do regime de acumulação fordista. Esses fatores contribuem para o redimensionamento da formação profissional e a conseqüente substituição da noção de qualificação pela noção de competência. Com a influência do toyotismo, a competência passa a supor domínio do conhecimento científico-tecnológico, em face da complexidade dos processos de trabalho. Dessa maneira, as discussões advindas dessa mudança foram (re)introduzidos no cenário internacional, a partir dos anos 70, principalmente no que tange à formação do trabalhador centrada na noção de competência. Dentre os estudos publicados nessa área destacamos os de Fogaça (1992); Chivellari (1998), Pochmann (2000). A partir dos anos 80 e, de forma mais intensiva nos anos 90, as produções brasileiras começaram a destacar preocupações mais marcantes com a relação entre educação e trabalho e o modelo de competência, dentre essas produções, destacamos os trabalhos de Arruda (2000), Carvalho (2000) e Plantamura (2003).

Na área de formação de professores essa preocupação é recente, mas os pesquisadores que tratam sobre essa temática, como: Masseto (2000), Despresbiteris (2000), Perrenoud (1999, 2000, 2001), Rios (2001), Costa (2005) e Fidalgo e Santos (2003) apontam a complexidade desse tema e a necessidade de esclarecimentos a cerca do conceito de competência, devida à ausência de consenso em relação a esse conceito, traduzindo à falta de precisão conceitual desse termo nas pesquisas da área de educação. Com base nessa constatação, levantamos a questão que serviu de ponto de referência

¹ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia – UFPI. Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/CNPQ

² Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia – -bolsista ICV/UFPI.

³ Professora do Departamento de Métodos e Técnicas do Ensino- CCE/UFPI – Orientadora.

para o desenvolvimento deste trabalho: qual o conceito de competência internalizado pelos professores universitários? Na tentativa de encontrar respostas para a questão exposta, realizamos, primeiramente, o que denominamos de pesquisa básica. Essa etapa nos levou a conhecer a arqueologia do conceito de competência e a constatar as implicações da construção social desse conceito para o processo educacional.

Desse maneira, constatamos que a educação está em constante movimento, estando interligada ao conjunto bem maior e mais global, e mesmo que aparentemente pareça, em certos momentos, configurar-se como se fosse autônoma, revela-se interligada às cadeias e aos processos sociais, movimento que, não é linear, tampouco circular, é universal, dinâmico e contraditório.

Neste sentido, é necessário, segundo Kopnin (1978, p.186), mergulhar na “essência do objeto e em sua história”. A inter-relação entre o lógico e o histórico reflete não só a história do conceito que queremos estudar, mas, também, a história do seu conhecimento. A unidade entre o lógico e o histórico é premissa metodológica indispensável à compreensão dos problemas educacionais e a superação da lógica do determinismo, fazendo-nos compreender que as coisas não surgem do nada, pois possuem raízes que ao serem resgatadas, possibilitam a compreensão do presente. Dessa maneira, neste estudo, resgatamos o conceito de competência, compreendendo a sua historicidade e as implicações da sua aplicação para o processo educacional.

Para concretizar esse resgate, primeiramente, (re)memoramos aspectos históricos referentes às relações construídas socialmente entre educação e trabalho, posteriormente, apresentamos a evolução do conceito de competência e as aplicações dele na área educacional e na formação do professor.

Como o objetivo desta pesquisa é de (re) significar o conceito de competência, destacando as transformações ocorridas na área pedagógica em decorrência de sua (re) introdução na educação, passamos a discutir os modelos de acumulação do capital, destacando o modelo capitalista, assim como, analisamos de que forma esse modelo interfere na área educacional.

2. MATERIAL E MÉTODO

Neste trabalho, utilizamos como referencial teórico e metodológico os processos de formação e desenvolvimento de conceitos e de internalização propostos pelos

teóricos da Abordagem Sócio-Histórica. A escolha desse referencial se deu, sobretudo, porque observamos, após revisão na literatura, que são poucas as pesquisas que se preocupam, hoje, com o estudo de fenômenos por meio da análise conceptual, principalmente, em se tratando do tema aqui apresentado. Para analisar qual o conceito de competência internalizado pelos professores universitários nos respaldamos nas recomendações dessa Abordagem de que precisamos pesquisar os conceitos considerando o seu movimento, pois, para Lênin, “o estudo dos conceitos, a arte de operar com eles exige sempre o estudo do movimento dos conceitos, da relação entre eles, das suas transformações mútuas” (KOPNIN, 1978, p. 210).

Para identificar em qual estágio conceptual se encontra o conceito de competência elaborado pelos professores que colaboram com este estudo, construímos o seguinte percurso metodológico:

1. Estudamos o método de análise conceptual proposto pela Abordagem Sócio-Histórica, principalmente, com base em Vygotsky (2000, 2001) e Guetmanova (1989).

2. Elaboramos a arqueologia do conceito de competência, elaborando o conceito para esse termo que serviu de base para as comparações realizadas no estudo.

3. Identificamos as significações dos professores, utilizando a estratégia metodológica da entrevista estruturada, realizada com base em duas questões: o que é competência? Com base em que referencial esse conceito foi formulado?

4. Realizamos essa entrevista com cinco professores que atuam na educação superior, com o objetivo de identificar qual o significado de competência internalizado por eles e quais foram às referências responsáveis por esse processo de internalização.

5. Analisamos as enunciações emitidas na entrevista, classificando os significados internalizados pelos professores como conceitos espontâneos ou sistematizados.

Para classificar os conceitos formulados pelos professores em espontâneos ou científicos, utilizamos o método da identificação, conforme proposto por Vygotsky (1993). Esse método permite a análise dos significados emitidos, levando em consideração os atributos considerados necessários e suficiente para conceituar competência. Analisamos as significações emitidas, classificando-as de acordo com o nível de generalização formulado. Nesse processo, consideramos a descrição dos atributos considerados como essenciais, a abstração dos atributos necessários e suficientes desse conceito e a discriminação do traço distintivo que caracteriza o

pensamento lógico-verbal abstrato, isto é, verificamos se os enunciados poderiam ser ou não classificados no nível dos conceitos científicos (VYGOTSKY, 2001).

Segundo Santos Filho e Gamboa (1995), em pesquisas que envolvem pessoas reais é necessário tomar alguns cuidados éticos. Atendendo a essa recomendação, os docentes que colaboraram com este estudo foram identificados com nomes fictícios, preservando-se, assim, o anonimato deles.

Diante do exposto, para a realização deste estudo, elaboramos o conceito que serviu de base para a análise que realizamos dos significados emitidos pelos professores entrevistados, construindo a partir dos conceitos historicamente sistematizados para competência. Nesse sentido, nesta pesquisa, competência é o saber e o fazer social, dialógico e colaborativo, mobilizados com qualidade na produção de determinada atividade.

3. DISCUTINDO - O QUE É COMPETÊNCIA?

No senso comum, o significado de competência está associado à idéia da “capacidade de desenvolver uma atividade produtiva” (PLANTAMURA, 2003, p.26). Já nas diversas áreas do conhecimento, o conceito de competência se revela a partir de definições diversas que abrangem as suas várias dimensões, desde a mais ampla, referente ao bom desempenho dos papéis sociais, até a mais específica, relativa a habilidade necessária ao desempenho de determinada atividade, de acordo com o padrão de qualidade desejado.

Para Rios (2001, p. 87), competência é o “conjunto de saberes e fazeres de boa qualidade”. Neste sentido, ser competente significa saber fazer bem, exercer com qualidade determinada atividade, possuir saberes e se posicionar frente a esses saberes, fazendo a conexão entre as dimensões, técnica, política, ética e estética. Em síntese, para ser competente é necessário articular o saber, o fazer, o dever e o ser no decorrer do exercício profissional. Desta forma, o conceito de competência tem relação direta com a práxis, com o agir concreto dos sujeitos e com as ações que realizam para resolver os problemas relativos à profissão. Em síntese, competência não é algo que se adquire de uma vez por todas, é construção feita na atuação.

Desaulmiers (1998) define competência como a capacidade para resolver problemas em determinada situação. Com a mesma compreensão, Isambert-Jamati

(1997) compreende-a como a capacidade de realizar tarefas. Na visão de Stroobants (1997), é ação, movimento e velocidade que se volta para a resolução de problemas que surgem nas situações práticas. Meirieu (1998, p. 184) considera competência, como: “o saber identificado que coloca em jogo uma ou mais capacidades em um campo determinado”.

Perrenoud (2000, p.13) conceitua competência como a capacidade de agir eficazmente em determinado tipo de situação. Na visão desse autor, os indivíduos considerados competentes se apóiam em conhecimentos, mas não se limitam a eles, pois para enfrentarem determinada situação, com sucesso, é necessário mobilizar vários recursos cognitivos complementares. Nesse processo, os conhecimentos representam apenas um desses recursos. Assim, competência é qualidade profissional que permite aos indivíduos desenvolver determinadas atividades socialmente úteis.

Em síntese, para esse autor, competência é a capacidade de julgar, avaliar e ponderar, achar solução e decidir; depois de examinar e avaliar determinada situação de forma conveniente e adequada. Para esse autor, essa capacidade somente se manifesta em determinado fazer, ela não existe em “estado puro”. Nesse sentido, afirma que ser competência “é saber tomar decisão, mobilizar recursos e ativar esquemas revelando ou atualizando hábitos em um contexto de complexidade”. (PERRENOUD, 2001, p.viii).

Os conceitos trabalhados nesta parte estão vinculados à definição de competência teorizada pelo mundo do trabalho, pois propõem o desenvolvimento de ações e operações que estabelecem relações entre objetos, situações, fenômenos e pessoas.

4. AS IDÉIAS MORREM COMO IDEÁRIO E NASCEM COMO PRÁTICA

O conceito de competência construído pelos professores que colaboraram com este estudo foi produzido, organizado e mediado socialmente, pois, na enunciação desse conceito aparecem atributos sociais e individuais que se entrelaçam tanto à cadeia de enunciados historicamente construídos para competência quanto ao rol dos sentidos apreendidos individualmente nos processos formativos vivenciado pelos colaboradores. A exterioridade é constitutiva desse conceito, mas, é justamente a transposição do exterior para o interior que determina o processo de construção conceptual. Assim, os papéis sociais ocupados pelos docentes são intercomplementares. Nessa perspectiva, o conceito de competência não é construído única e exclusivamente por meio das

experiências individuais ou por meio das construções históricas, mas, pelas relações entre esses dois fatores. Dessa maneira, o conceito construído pelos colaboradores se constituiu a partir das relações estabelecidas entre o que foi construído socialmente (exterioridade) e o processo de qualificação contínua (interioridade). Esses elementos, canalizados no dia-a-dia do exercício docente, formam redes de relações que determinam o nível de elaboração conceptual em que os professores se encontram.

Conforme constatamos, as significações que seguem não apresentam atributos que pertencem ao conceito de competência, não contemplando, portanto, a totalidade dos atributos essenciais do significado científico. O nível de desenvolvimento conceptual atingido por esse grupo de professores se caracteriza pela ausência de sistematização dos atributos essenciais do conceito de competência. Apesar de os professores, em suas ações cotidianas, agirem de forma competente, não internalizaram a necessidade de adquirir conhecimentos especializados para essa atuação e, no processo de busca por educação continuada, não tiveram a oportunidade de ter acesso a informações que auxiliam no exercício competente da docência, e mesmo que tenham obtido informações específicas sobre esse conceito, o processo de educação trilhado não privilegiou a formação e o desenvolvimento de conceitos, não permitindo, portanto, a internalização do conceito científico de competência.

A formação de conceitos só ocorre por meio de ação intencional que direcione esforços no sentido de desenvolver, nos professores, habilidades que permitam a apropriação do conhecimento científico acumulado sobre competência. Nessa perspectiva, os conceitos espontâneos só são ultrapassados quando o processo de formação permita que eles evoluam para o nível científico. Isso só acontece quando a programação dos cursos de qualificação voltados para o magistério disponibilize informações canalizadas à ação de qualidade, permitindo essa evolução.

O desenvolvimento de conceitos resulta de atividade complexa que envolve as operações intelectuais e todas as funções mentais. Esse processo ocorre por meio da utilização da linguagem como forma de centrar a atenção e possibilitar a abstração de determinados traços essenciais do objeto ou fenômeno. Os traços devem ser sintetizados por meio de um signo, nesse caso, a palavra. Os professores apresentaram certa resistência em realizar essa operação e, conseqüentemente, em expressar oralmente o conceito que internalizaram de competência. Essa dificuldade é natural, pois, é bem mais difícil a tarefa de definir o conceito quando este não mais se encontra enraizado na

situação original, devendo ser formulado no plano puramente abstrato (VYGOTSKY, 2001). A significação abaixo demonstra essa dificuldade.

De acordo com Gil,

Competência é uma teoria, ou seja, de um estímulo onde o professor a partir do momento em que ele passa por um processo de início de formação, ele prossegue seus estudos, ou seja, ele se torna um futuro pesquisador, um futuro experimentador, um confrontador entre a teoria e a prática [...].

O grupo de professores que segue ainda não conseguiu realizar abstrações sobre o que significa ser competente, pois as generalizações apresentadas são isolantes, na medida em que apontam apenas atributos técnicos do conceito de competência, como a posse do conhecimento. Para Nando,

Competência é todo conhecimento adquirido pelo indivíduo, ou seja, na sua trajetória profissional, então, a soma destas experiências, a soma destas práticas é que faz com que o indivíduo se torne, mas ou menos competente.

Na opinião de Jov,

Competência inclui o domínio dos saberes do conhecimento, quer dizer, um professor para ser competente tem que ter domínios dos saberes tanto dos saberes sociais, saberes profissional e os saberes da ação docente [...]

Analisando esses conceitos, constatamos que embora os professores identifiquem elementos essenciais, que caracterizam o conceito de competência, às vezes, não conseguem estabelecer relações entre esses elementos, apresentando, assim, dificuldade em desvincular a elaboração conceitual das situações concretas, o que os impede de abstrair o conceito de docência, via análise e síntese. Essa dificuldade é natural quando o processo de formação não foi desenvolvido e direcionado para a aquisição de conceitos científicos.

O professor que formulou esse conceito se limitou a considerar as ações cotidianas, deixando de lado as várias dimensões que a competência possui. Desse modo, abstraiu os atributos citados a partir da sua experiência, assim, as idéias estão relacionadas apenas as situações reais, concretas conforme percebemos no enunciado de Maria e Dan.

Para Maria,

Competência envolve várias habilidades que o ser humano desenvolve, deste seu nascimento, até seu envelhecimento, na medida que você vai vivendo vai construindo, e este comportamento é que vai fazer com você seja capaz de atuar de forma eficiente e eficaz [...]

Para Dan,

Tem vários significados, por exemplo, aquele que é parte de um cargo que a pessoa ocupa, numa burocracia administrativa, chefe de departamento, ele é competente para encaminhar as questões que dizem respeito ao departamento que ele é chefe. Esse é um entendimento de competência. Outro entendimento é quando independente de uma função específica, essa é uma questão mais genérica, a pessoa é capaz de fazer alguma coisa, é um conceito amplo. [...] Então eu vejo que competência não tem um único sentido, e ela é importante na função de determinados cargos, mas que requer um domínio amplo de percepções, de atribuições, para que essa competência tenha sentido mais significativo para o desempenho de uma determinada função.

A pouca clareza com relação à elaboração do conceito de competência se torna evidente nestes significados, pois ao tentarem conceituar esse termo os professores não conseguem perceber a diferença existente entre competência e habilidade, chegando mesmo a confundir essas palavras. Conforme percebermos nos enunciados de Garden, Reg e Luiz.

De acordo com Garden,

Competência é quando nos adquirimos habilidades para fazer vem feito. Então, ser um professor competente é ter que articular todas essas habilidades para no seu processo de construção do conhecimento ele saiba fazer bem feito.

Para o Professor Reg,

Competência é algo que a pessoa adquire, depois que ela desenvolve certas habilidades. Por isso não se pode falar de competência sem falar em habilidades.

Na visão de Luiz,

Competência se expressa através da soma das habilidades. A pessoa humana desenvolve habilidades cognitivas, motoras e afetivas, quando se juntam essas habilidades, elas vão desembocar dentro de uma determinada área do pensar e do fazer que nos chamamos de competência.

Para que os conceitos se formem é necessário, primeiramente, o contato no âmbito das relações sociais, posteriormente, por meio do processo sistemático e intencional de aprendizagem, os conceitos se ampliam e os indivíduos realizam graus mais abrangentes de generalizações, com predominância de operações mentais, como a análise e a síntese.

Para Vygotsky (2000), os conceitos científicos são os verdadeiros conceitos, pois, diferentemente dos espontâneos, são adquiridos no âmbito da instrução, por meio da tomada de consciência da própria atividade mental. Apesar dos conceitos espontâneos e científicos seguirem caminhos diferentes, no seu processo de formação,

Vygotsky (1993, p.123) ressalta que esse processo é único, isto é, existe conexão entre a formação espontânea e a científica. Essa idéia é coerente com sua teoria que diz existir relação entre aprendizagem e desenvolvimento: “o desenvolvimento da atividade espontânea e da não espontânea se relacionam e influem mutuamente, fazem parte de um processo único, o da evolução da formação do conceito, que se encontra influenciado pelas variações externas e as condições internas [...]”. Na próxima categorização, passamos a conhecer o conceito que mais se aproximou do conceito científico de competência.

Na visão de Marc,

Competência é saber e fazer, não basta ter o conhecimento e não poder fazer, a competência é unir a capacidade técnica com o conhecimento e a ação.

Na concepção de Carmem,

Competência é um conjunto de saberes mobilizados na ação.

Esses conceitos representam o nível de elaboração mais avançado, embora ainda não represente conceito científico, conforme define Vygotsky (2001). Este significado se caracteriza por apresentar nível qualitativamente superior de sistematização quando relacionado com os anteriores, entretanto, não se constitui, ainda, no conceito propriamente dito de competência, pois faltam atributos considerados essenciais para revelar a essência desse fenômeno.

Em síntese, de acordo com os conceitos enunciados pelos professores, constatamos que competência é, muitas vezes, definida de forma diversa e com várias ramificações, apresentando visões que vão desde as categorias mais amplas, referente à qualidade de desempenho dos papéis sociais, até as mais específicas, relativa à habilidade para desempenhar determinada ação, dentro dos padrões de qualidade desejados pela sociedade. Essa constatação também foi feita por Costa (2005, p.57), pois, a pouca clareza em relação ao significado de competência e a dificuldade encontrada pelo grupo de professores que participaram de sua pesquisa em evidenciar os atributos necessários e suficientes desse termo demonstra que esse grupo também não tem clareza com relação ao significado de competência.

No grupo que investigamos, encontramos diferentes formas de emissão do conceito em foco, passando desde a compreensão ligada à visão dos cientistas sociais que conceituam competência no plural, designando conteúdos particulares de cada

qualificação em determinada organização de trabalho, até a visão psicológica que usa o termo, confundindo-o com aptidão, habilidades ou capacidades. Constatamos também que nos conceitos emitidos predomina o atributo da posse do conhecimento, fato que determina essa imprecisão conceitual. Concordamos com a seguinte referência feita por Rios (2001, p.76): “na atualidade, encontramos muitos significados para competência” que, na verdade, confundem-na com outros conceitos, como é “o caso dos saberes e conhecimentos na esfera educativa; e o de qualificação na esfera do trabalho”. Essa confusão causa imprecisões conceptuais, fazendo com que a sistematização do conceito de competência se torne, às vezes, confusa.

Os conceitos que mais se aproximaram do significado elaborado com base nos referenciais atuais que conceituam competência foi o do Professor Marc e o da Professora Carmem, embora o nível de generalidade de sua formulação possa avançar, conforme recomenda Vygotsky (2001), por meio de processo educativo que vise a ampliação do nível de elaboração já alcançado por ele.

Os resultados desta pesquisa indicam, portanto, que as significações emitidas pelos professores entrevistados se encontram no estágio dos conceitos espontâneos, embora duas delas tenham sido considerada em estágio de sistematização que se encaminha para formulação científica. Constatamos, também, que existe diferença qualitativa entre os conceitos emitidos, pois, as enunciações generalizam atributos inerentes ao conceito científico de competência, entretanto, a maioria emite significado que ainda não representa o conceito propriamente dito, como ressalta Vygotsky (2001). Além do exposto, concluímos, também, que a formação obtida pelo grupo investigado não contribuiu para que esses professores internalizassem o conceito científico de competência.

Para finalizar, gostaríamos de sugerir algumas questões que, necessariamente, precisam ser respondidas pelos professores que estão dispostos a conhecer mais sobre competência profissional. Esses questionamentos servem para fundamentar reflexões e estruturar projetos de vida pessoal e profissional. Dessa forma, propomos o desafio de os professores responderem as seguintes questões: qual a finalidade da atividade que desenvolvo? Que conhecimentos/saberes são necessários para a sua realização? Que competência é necessária? Qual é o itinerário formativo que planejado para o desenvolvimento de saberes e da competência profissional? Que valores e atitudes podem ser desenvolvidos? Que justificativa pode ser apresentada para a inclusão de

determinados conceitos e habilidades no itinerário de desenvolvimento da competência profissional? Que saberes são indispensáveis para a construção do perfil profissional? Que habilidades, atitudes e valores poderiam ser selecionados para a construção da identidade profissional? De que maneira se pode contribuir para a construção de valores e atitudes, como base na ética, na sensibilidade e na estética? A quem e a que interesses servem os conhecimentos construídos?

4. APONTANDO NOVOS CAMINHOS...

Nesse processo de investigação, reconhecemos que conceituar competência não representou um exercício fácil e simples, ao contrário, envolveu ações reflexivas que não se esgotaram na simples enunciação do significado em foco. Por essa razão, constatamos que é necessário que esse grupo de professores universitários invista em estudos sucessivos e sistematizados sobre o conceito de competência, realizando ações reflexivas que os levem a reconstruir os significados internalizados, por meio de ações formativas que possibilitem essa (re)significação.

Assim, recomendamos que esses professores reflitam sobre os significados enunciados, para que possam evoluir no seu processo de formação conceptual, alcançando níveis de generalidade compatíveis com os conceitos científicos, conforme classificação de Vygotsky (2001), no que se refere ao conceito de competência. Para finalizar, compreendemos que, competência é qualidade que pode ser construída, não é algo dado, natural, inato, supondo ação intencional e devendo constituir-se em um dos princípios de formação permanente dos profissionais.

Com base nos estudos de Vygotsky (1993) e na sua afirmação de que não existem conceitos isolados mentalmente, pois pela sua própria natureza eles pressupõem um sistema. Cada novo conceito construído tem como base conceito anteriormente formulado, portanto, cada estágio de desenvolvimento se constrói sobre as generalizações do nível precedente, assim, os produtos da atividade intelectual das fases anteriores não se perdem.

O surgimento dos conceitos científicos não pode deixar de influenciar o nível dos conceitos espontâneo anteriormente constituído, pelo simples fato de que não estão encapsulados na consciência, não são separados uns dos outros por muralha intransponível, não fluem por canais isolados, mas estão em processos de interação constante que deve redundar, inevitavelmente, em generalizações, considerando essa

afirmação, pretendemos, em trabalhos posteriores, apontar caminhos para a superação dos conceitos emitidos por esses professores.

5. REFERÊNCIA

ARRUDA, Maria da Conceição Calmon. **Qualificação Versus Competência**. Boletim Técnico do Senac, Rio de Janeiro, v.26, n.2, maio/ago., 2000.

CARVALHO, Celso. **A pedagogia do Capital**. Disponível em: www.alternex.com.br/~DESAFIO/Art52.htm. Acesso em: 23/09/2000.

CHIVELLARI, H. M. T. **Mudança de paradigma produtivo e relação educativa: uma abordagem regulacionista**. Trabalho & Educação, Belo Horizonte, n. 4, p. 43-59. ago./dez., 1998.

COSTA, T. A. **A noção de competência enquanto princípio de organização curricular**. Revista Brasileira de Educação. Maio/jun./jul/ago., p. 52-62, 2005.

DEPRESBITERIS, Lea. **Educação Profissional: seis faces de um mesmo tema**. Boletim Técnico do Senac, Rio de Janeiro, v.26, n.2, maio/ago., 2000.

DESAULNIERS, Julieta Beatriz Ramos (Org). **Formação & trabalho & competência: questões atuais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

FIDALGO, F.; SANTOS, N. E. P. dos. **Certificação de competências: um olhar sobre a experiência de alguns países**. Trabalho & Educação, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, jul./dez., p. 27-44, 2003.

FOGAÇA, A. **Modernização industrial: um desafio no sistema educacional brasileiro**. Educação & Trabalho. São Paulo: Página Aberta, 1992, p.13-49.

GUETMANOVA, A. **Lógica**. Moscou: Edições Progresso, 1989.

KOPNIN, P. V. **A dialética como lógica e a teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileira, 1978.

MASSETO, M. **Docência na Universidade**. 2.ed. Campinas: Papirus, 2000.

MEIRIEU, P. **Aprender... Sim, mas como?** Porto Alegre: Artmed, 1998.

PLANTAMURA, Vitangelo. **Presença histórica competência e inovação em educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

PERRENOUD, P. **Avaliação. Da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

_____. **Pedagogia Diferenciada: Das Intenções à Ação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médias Sul, 2000.

RIBEIRO, Mônica. **A reforma educacional e a noção de competência nas novas diretrizes curriculares nacionais.** Jornada de Educação do Norte-Nordeste. 3. Anais ... Fortaleza. 2001.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade.** São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS FILHO, J. C.; GAMMBOA, S. S. (Org). **Pesquisa Educacional: qualidade-quantidade.** São Paulo: Cortez, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.